

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM, LEITURA E LETRAMENTO POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

concepções de participantes do projeto de extensão “ grupo abracadabra”

Weides Conceição de Oliveira Lima¹
Maria Claudino da Silva²

Resumo:

Este estudo tem como tema o desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, por meio da Contação de Histórias. Objetiva apresentar e analisar concepções de Professores participantes do Projeto de Extensão do CUA/UFMT, Grupo Abracadabra: contadores de histórias, a respeito do desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, a partir da contação de histórias. A pesquisa, no que se refere aos seus aspectos metodológicos, pautou-se pelos estudos de Apolinário (2006, p. 70), observando-se as dimensões: a) quanto à finalidade, a pesquisa foi básica; b) quanto ao tipo/profundidade, trata-se de um estudo descritivo; c) quanto à estratégia: origem dos dados, foi uma pesquisa documental; d) quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Em relação à coleta de dados, além da pesquisa bibliográfica, foram coletadas concepções de contadores de histórias, do Projeto de Extensão do Curso de Letras do Câmpus Universitário do Araguaia/UFMT, em textos escritos pelos colaboradores da investigação, no ano de 2018. Os resultados apontam que, das concepções sobre o desenvolvimento da Linguagem, da Leitura e do Letramento, dos Contadores de Histórias, depreende-se que, durante a realização teórica e prática do projeto, compreenderam, de forma significativa, a contação de histórias como formas de: prática de Linguagem, de Leitura e de Letramento; fruição estética de textos e obras literárias; ampliar conhecimentos e realizar discussões e debates sobre temas sociais; poder sustentar reivindicações no contexto de atuação da vida pública; desenvolvimento do senso estético; valorizar a leitura da literatura e de outras manifestações artísticas e culturais; práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em contexto social.

Palavras-chave:

Linguagem. Leitura. Letramento. Contação de Histórias. Grupo Abracadabra: contadores de histórias.

EL DESARROLLO DEL LENGUAJE, LA LECTURA Y LA CARTA A ATRAVÉS DE LA CONTABILIDAD DE HISTORIAS

Concepciones de los participantes del proyecto de extensión “grupo abracadabra”

Resumen:

Este estudio tiene como tema el desarrollo del Lenguaje, Lectura y Letramento, por medio de la Cuenta de Historias. El objetivo de este trabajo es analizar la relación entre la calidad de la información y la calidad de la información. La investigación, en lo que se refiere a sus aspectos metodológicos, se basó en los estudios de Apolinario (2006: 70), observándose las

¹ Graduada em Letras. ICHS. CUA. UFMT. *E-mail:* eidinha3@hotmail.com

² Professora Orientadora. Graduada em Letras. Mestre em Educação. Curso de Letras. CUA. UFMT. *E-mail:* claudinodasilva22@gmail.com

dimensiones: a) en cuanto a la finalidad, la investigación fue básica; b) en cuanto al tipo / profundidad, se trata de un estudio descriptivo; c) en cuanto a la estrategia: origen de los datos, fue una investigación documental; d) en cuanto a la naturaleza, se trata de una investigación cualitativa. En cuanto a la recolección de datos, además de la investigación bibliográfica, fueron recolectadas concepciones de contadores de historias, del Proyecto de Extensión del Curso de Letras del Câmpus Universitario del Araguaia / UFMT, en textos escritos por los colaboradores de la investigación, en el año 2018. los resultados apuntan que, de las concepciones sobre el desarrollo del Lenguaje, de la Lectura y del Letramento, de los Contadores de Historias, se desprende que, durante la realización teórica y práctica del proyecto, comprendieron de forma significativa la cuenta de historias como formas de : práctica de Lenguaje, de lectura y de lectura; fruición estética de textos y obras literarias; ampliar conocimientos y realizar discusiones y debates sobre temas sociales; poder sostener reivindicaciones en el contexto de actuación de la vida pública; desarrollo del sentido estético; valorar la lectura de la literatura y de otras manifestaciones artísticas y culturales; prácticas sociales vinculadas a la lectura ya la escritura en el contexto social.

Palabras clave:

Lenguaje. La lectura. Alfabetización. Cuenta de historias. Grupo Abracadabra: contadores de historias

Introdução

Este estudo tem como tema o desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, por meio da Contação de Histórias. O objetivo principal da pesquisa é apresentar e analisar concepções de Professores participantes do Projeto de Extensão do Câmpus Universitário do Araguaia (CUA), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Grupo Abracadabra: contadores de histórias, a respeito do desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, a partir da contação de histórias.

O trabalho, no que se refere aos seus aspectos metodológicos, pautou-se pelos estudos propostos por Apolinário (2006, p. 70), observando-se as seguintes dimensões:

a) quanto à finalidade, a pesquisa foi básica, já que objetiva o avanço do conhecimento na área da Linguagem, Leitura, Letramento e Contação de histórias;

b) quanto ao tipo/profundidade, trata-se de um estudo descriptivo, pois visa, apenas, descrever a realidade, sem nela interferir;

c) quanto à estratégia: origem dos dados, foi feita uma pesquisa documental, utilizando-se dados provenientes de fontes documentais;

d) quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa qualitativa.

No que tange aos instrumentos de coleta de dados, além da pesquisa bibliográfica, foram coletadas concepções de contadores de histórias, do Projeto de Extensão do Curso de Letras do Câmpus Universitário do Araguaia/UFMT, Grupo Abracadabra, por meio de textos escritos por esses colaboradores da investigação, no mês de novembro do ano de 2018.

Os principais autores norteadores para o balizamento teórico deste estudo foram os que se seguem: Freire (2011), Soares (2017), Mellon (2006), Kleiman (2015), Martins (1994) e Coelho (1986), Moreira e Rocha (2013), Coelho (2013) Carvalho e Pereira (2016).

A pesquisa foi organizada da seguinte forma: na parte I, apresenta-se a Linguagem, no contexto da Base Nacional Comum Curricular, (BNCC, 2017), a área da Língua Portuguesa, suas competências e seus eixos, focando, mais detalhadamente, no eixo da Leitura. Na parte II, a atenção se volta para a Leitura, Letramento e Contação de Histórias, como práticas sociais, a partir dos estudos de alguns autores. Na parte III, apresenta-se o Projeto de Extensão do Curso de Letras do CUA, Grupo Abracadabra: contadores de histórias e o seu trabalho de contação de histórias. Além disso, são apresentadas concepções de participantes desse projeto, no que se refere ao desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, por meio da arte de contar histórias, realizando-se algumas reflexões e análises, à luz de teorias apresentadas ao longo do estudo.

1- A Linguagem no Contexto da Base Nacional Comum curricular: a língua portuguesa, competências e eixos orientadores

Aqui, falaremos um pouco sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), com vistas a compreender melhor a área da Linguagem, a área de Língua Portuguesa, as competências da Língua Portuguesa, os Eixos da Língua Portuguesa, focando mais no Eixo de Leitura.

A BNCC é um documento que visa à regulação das práticas pedagógicas de aprendizagem de todo o país e as competências a serem desenvolvidas para cada área de conhecimento nela contemplada.

Prevista na Constituição de 1988, na LDB de 1996 e no Plano Nacional de Educação de 2014, a BNCC foi preparada por especialistas de cada área do conhecimento, com a valiosa participação crítica e propositiva de profissionais de ensino e da sociedade civil. Em abril de 2017, considerando as versões anteriores do documento, o Ministério da Educação (MEC) concluiu a sistematização e encaminhou a terceira e última versão ao Conselho Nacional de Educação (CNE) (BRASIL, 2017, p. 05)

Está organizada em quatro áreas de conhecimento que são as seguintes: Linguagens, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza, e cada uma destas áreas se divide em disciplinas específicas e organizadas em cada nível de ensino.³

A proposta da BNCC, segundo o próprio documento, busca universalizar os currículos em todo território nacional e, a partir desta universalização, deverão ser implantadas ações norteadoras contidas no texto da Base.

Considerando este estudo, trataremos, a seguir, da área de Linguagens, que é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa. Tem como objetivo que os alunos tenham práticas diferentes de aprendizagem. O alvo da BNCC é que o estudante desenvolva os aspectos cognitivo, social, emocional, físico e cultural. De acordo com esse documento, há algumas competências elementares para a aprendizagem adequada ao educando (BNCC, 2017, p. 85). No desenvolvimento da área de linguagem, a BNCC propõe que o aluno possa aprender com diversos tipos de linguagens seja a verbal, Libras, corporal, visual, sonora ou digital.

Como a BNCC traz em seu corpo o termo “competências” é importante compreendermos melhor o significado dessa palavra para a área educacional, porque geralmente esse termo é muito utilizado no setor administrativo, ou na área de recursos humanos, podendo causar noções errôneas sobre o seu uso de forma descontextualizada:

Segundo o Minidicionário (DCL, 2010), a palavra “Competência” significa “capacidade para julgar ou para executar; aptidão”. E, de acordo com o *site* de Educação *Educabrazil*, o termo “competência” para a área da educação é “o conjunto de conhecimentos (saberes), habilidade (saber fazer) e atitudes (saber ser)”. De acordo com esse *site*, o conceito de “competência” na educação passou a ser bastante utilizado a partir da Lei de Diretrizes e Bases 9394 (LDB, 1996).

As competências gerais propostas pela BNCC (2017), para a área da Linguagem, são as seguintes:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como forma de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. 2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades e

participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. 3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentido que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e a à cooperação. 4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo. 5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidade e culturas. 6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Como a BNCC (2017) engloba outras áreas, especificamente, para a área de Língua Portuguesa, o documento apresenta a oralidade, leitura, escuta, produção de escrita e análise linguística como elementos essenciais à aprendizagem do educando. É importante ressaltar que a Base:

[...] assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em situações de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (BNCC, 2017, p. 65).

A BNCC também propõe que sejam utilizados gêneros textuais que mais se aproximem da realidade do educando. Um desses gêneros textuais, por exemplo, são as histórias em quadrinhos, que podem fortalecer a motivação do aluno a ler uma história que ele conhece os personagens, como os super-heróis o que estão em alta, nestes últimos anos.

Segundo o documento, a aproximação dos alunos com textos menos formais trará a vontade de ler outros textos de linguagem mais avançada, podendo assim atingir um bom nível de leitura.

Podemos observar que a BNCC contempla o uso, em sala de aula, de variações de textos para se trabalhar, considerando-se o uso cotidiano de gêneros textuais, já que é preciso ter clareza de que os tempos são outros, e os educandos também mudaram. Por isso, faz-se necessário mudar métodos de ensino em sala de aula, trabalhando com a inclusão das mídias, redes sociais, visando a um bom desempenho na prática da leitura com os alunos.

Ao praticar e participar de atividades de leitura com o uso de diferentes gêneros textuais e diferentes recursos, há a probabilidade de maior aprendizagem, se essas práticas de leitura se configurarem como significativas, na vida do estudante. Está mais do que comprovado que, aquele conhecimento que apresenta significado para o estudante, torna-se mais facilmente apreendido.

Mesmo que priorize o texto como ponto principal para se trabalhar todos esses elementos elencados acima na BNCC, visto que os tempos mudaram e a maioria das crianças utiliza-se do meio digital para aprender, a própria BNCC propõe que não seja deixada de lado, a utilização dos recursos digitais em sala de aula.

De acordo com a BNCC (2017, p. 69):

Os eixos de integração considerados na BNCC de Língua Portuguesa são aqueles já consagrados nos documentos curriculares da Área, correspondentes às **práticas de linguagem**: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos [...]) (grifo do documento).

Sabemos que, nas práticas de linguagem, de certa forma, tanto no contexto da sala de aula, quanto em outros contextos vivenciados pelos estudantes, esses eixos se entrelaçam, buscando o fortalecimento da competência comunicativa do falante.

Neste estudo, que tem como objeto, apresentar e analisar concepções de Professores participantes do Projeto de Extensão do CUA/UFMT, Grupo Abracadabra: contadores de histórias, a respeito do desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, a partir da contação de histórias, nos debruçaremos, mais especificamente, sobre o Eixo da Leitura.

No que se refere a esse eixo, a BNCC (2017, p. 69) afirma:

O Eixo da Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais e relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades.

Do exposto pela BNCC (2017), apresentado acima, fica clara a concepção de um estudante ativo, que interage como leitor, ouvinte e espectador com textos variados. Considerando o propósito deste estudo, já explicitado anteriormente, a leitura será abordada como proposição de “fruição estética de textos e obras literárias”, tendo em vista o trabalho desenvolvido pelo Projeto de Extensão “Grupo Abracadabra: contadores de histórias”, do Curso de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), Câmpus Universitário do Araguaia (CUA), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

A partir desses pressupostos, consideramos a importância das competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, propostas pela BNCC (2017, p. 85), mais especificamente, a competência de número 09, que afirma:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como forma de acesso às dimensões

lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Compreendemos que o processo de aprendizagem da leitura se dá por variados meios, sendo que há necessidade de se formar cidadãos para a realização de uma leitura de mundo e não, apenas, meros decodificadores, ou seja, auxiliar no processo de desenvolvimento de sujeitos que saibam além de ler palavras, compreender, analisar e sintetizar.

A contação de histórias pode contribuir bastante para o desenvolvimento da competência 09, proposta pela BNCC (2017).

A seguir, aprofundaremos mais, as nossas reflexões sobre os processos de leitura e letramento. Também, serão discutidos o ato de contar histórias e o seu entrelaçamento com o incentivo ao desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento.

2- Leitura, Letramento e Contação de Histórias como Práticas Sociais

2.1 Leitura e Letramento: práticas que se complementam

Sabemos que a leitura é de suma importância na vida do ser humano. Por meio das habilidades de leitura, desenvolvemos processos cognitivos que nos ajudam a compreender melhor a realidade, na qual estamos inseridos, nos fazendo chegar a conclusões importantes e realizar reflexões sobre o nosso contexto histórico/social, do qual somos parte. Além, é claro, de nos dar base para percepção de várias áreas do conhecimento.

A leitura tem sido objeto de estudos, ao longo dos últimos anos, de muitos autores, que sobre ela se debruçam. Para Maria Helena Martins (1994):

Bastará, porém, decifrar palavras para que aconteça a leitura? Como explicaríamos as expressões de uso corrente “fazer a leitura” de um gesto, de uma situação; “ler a mão”, “ler o olhar de alguém”, “ler o tempo, ler o espaço”, indicando que o ato de ler vai além da escrita? (MARTINS, 1994, p. 07)

Martins nos apresenta, nesse trecho do livro “O que é Leitura”, algumas possibilidades de se realizar uma leitura. Para a autora, a leitura é muito mais do que simplesmente decodificar, é ir além, compreendendo e interpretando o que foi lido. A leitura nos proporcionar usar vários tipos de conhecimentos, melhorando, assim, nosso processo de

ensino aprendizagem. O gosto pela leitura tem que surgir, de preferência, pelo prazer e, não, por obrigação, pois tudo que é “forçado, imposto”, acaba sendo desinteressante.

O ato de ler, geralmente, está relacionado com a escrita, com a decodificação. Quando falamos em leitura, geralmente, a primeira coisa que vem à mente é a leitura de livros, de jornais etc. Porém, nos esquecemos que se pode realizar a leitura do corpo, do espaço, do olhar, de situações, fatos, fenômenos, entre outras tantas.

Maria Helena Martins (2007) apresenta concepções, a respeito de 03 níveis de leitura: 1- **leitura sensorial** - segundo a autora, a criança adquire esse nível de leitura nos primeiros anos de vida, quando ainda está se adaptando em um novo universo totalmente diferente do que ela vivia. Essa forma de leitura está relacionada com os nossos sentidos. E, conforme a autora, se inicia muito cedo e nos acompanha durante toda vida. A criança, ainda bebê, não consegue decodificar as letras, mas consegue reconhecer objetos, perceber texturas, formas entre outros; 2- **leitura emocional** - essa leitura está ligada ao inconsciente, ou seja, é feita de forma involuntária, é tomada por sentimentos, descrita pelas emoções. Ao se realizar a leitura de um livro de romance, por exemplo, podem ser desencadeados vários tipos de emoções; 3- **leitura racional**- nesse nível de leitura, o que realmente interessa é o que está escrito. Na leitura racional, os sujeitos são chamados a realizar operações um pouco mais complexas, em relação ao texto lido, tais como: não só a mera decodificação, mas, a partir disso, a compreensão, interpretação, análise e síntese do que foi lido. Conforme Maria Helena Martins (2007):

Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais (MARTINS, 2007, p. 66).

Martins (2007, p.77) chama a atenção para o fato de que não existe uma hierarquia entre esses níveis de leitura. Na verdade, no processo de leitura, esses níveis se entrelaçam e se relacionam. O que pode ocorrer é que, em determinados momentos, um pode prevalecer sobre o outro, por uma questão de circunstâncias. A autora afirma, também, que deve ficar claro não haver o isolamento, a separação dos níveis de leitura.

Considerando a competência 09, estabelecida pela BNCC (2017), já apresentada neste estudo, compreende-se, claramente que o processo de leitura deve ser incentivado, deve ser fruto de motivação para que os sujeitos fiquem mais envolvidos em práticas de leitura

literária de forma a reconhecer o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Dessa pressuposição, há que se considerar que a leitura não se inicia, definitivamente, apenas quando o aluno se inicia na educação escolar e não se dá, somente, pelo fato de reconhecer letras, juntar sílabas e formas palavras, pois isso é um passo inicial. As palavras de Martins (2007), também já citadas, anteriormente, esclarecem muito bem sobre os níveis de leitura.

Paulo Freire no livro *A Importância do Ato de Ler*, nos ensina que:

[...] o ato de ler que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2011, p. 19-20).

Nesse trecho de seu livro, o autor deixa claro que a leitura de mundo ocorre antes da leitura das palavras, mas isso não interfere em nada no aprendizado na escola, pelo contrário só contribui para que possam ser melhor desenvolvidas as percepções em relação ao texto e ao contexto.

Ainda de acordo com o mesmo autor, a leitura de mundo que o sujeito fez na infância não o atrapalhou em nada no seu aprendizado, isso foi fundamental para que ele tivesse facilidade no âmbito escolar, pela curiosidade aguçada em aprender. E isso pode facilitar seu processo de aprendizagem.

Da concepção de que o ato de ler vai além do mero processo de decodificação, há que se considerar que leitura contribui para o desenvolvimento do letramento e este fortalece aquele. Assim, apresentaremos, a seguir, algumas concepções de letramento, baseadas nos estudos de Magda Soares.

Para Magda Soares (2017, p. 67):

[...] letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição.

A autora afirma que é preciso considerar duas dimensões principais do letramento (SOARES, 2017, p. 66-80), mesmo sendo muito complicado, por causa da extensa gama de habilidades individuais que podem ser consideradas na constituição do sujeito letrado:

a) dimensão individual: após a apresentação de algumas considerações sobre as dificuldades em se definir letramento, a autora apresenta a pensamento da UNESCO (1958), como uma tentativa de definição, com o propósito de padronização internacional das estatísticas em educação:

É letrada a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana. (grifo do texto).
É iletrada a pessoa que não consegue ler nem escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana. (grifo do texto).

Entretanto, a autora considera a definição da UNESCO arbitrária, questionando: “[...] qual é o fundamento para selecionar uma certa habilidade (ler e escrever com compreensão e atente-se para a imprecisão da expressão ‘com compreensão’) [...]”. (grifo do texto) (SOARES, 2017, p.71-72).

b) dimensão social: sobre essa dimensão, Magda Soares (2017, p.72) assevera:

Aqueles que priorizam, no fenômeno letramento, a sua dimensão social, argumentam que ele não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

Considerando as concepções de leitura já propostas, aqui, por Martins (2007), Freire (2011) e, ainda o objetivo desta pesquisa (apresentar e analisar concepções de Professores participantes do Projeto de Extensão do CUA/UFMT, Grupo Abracadabra: contadores de histórias, a respeito do desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, a partir da contação de histórias), a dimensão social sobre letramento, apresentada, acima, será eleita em nossos estudos.

2.2 A Contação de Histórias como Prática Social de Desenvolvimento da Linguagem, da Leitura e do Letramento

A contação de histórias ocorre desde a idade média, quando o indivíduo passava seus conhecimentos por meio da oralidade. Seu surgimento ocorreu devido à necessidade de o ser humano transmitir seus valores e suas crenças aos seus descendentes.

Antigamente, não existia distinção entre o universo adulto e infantil. As crianças exerciam a mesma função dos adultos. Na parte literária não era diferente, a cultura literária das crianças era a mesma dos adultos. Só houve mudança após a ascensão da burguesia e a reestruturação familiar, quando a criança passou a ser aceita como sujeito diferente do adulto e, entre várias mudanças, começou-se a pensar numa literatura adequada para cada faixa etária, privilegiando assim as crianças com narrativas apropriadas.

O ato de contar história é uma prática importante que dissemina conhecimentos e princípios fundamentais para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. Ele não desperta somente a nossa imaginação, ajuda também a ampliar nosso vocabulário, a construir nossa personalidade, nossos princípios, entre outros. De acordo com Silva, Costa e Mello (2009), citados por Pires (2011, p. 22):

Contar histórias é uma tarefa importante na educação infantil e a narrativa para crianças pequenas envolve todas as oportunidades de interação que a mesma tem com seu mundo de imaginação, sendo que o ouvir e ler histórias de diferentes modos oportuniza apreender melhor a realidade. Assim, o professor deve perceber se as histórias estão instruindo, comovendo e agradando, pois, ao contar histórias, deve saber a quem contar, quando contar, o que contar e como contar. Dessa forma acredita-se que o livro é um dos principais meios de mediação de uma história e que todos devem ter acesso a eles.

O professor tem um papel fundamental no processo de formação de leitor. É de suma importância que o professor utilize a contação de história em sala de aula. Por meio dela, cria-se um vínculo muito forte entre o professor e o aluno, o que facilitará o processo de ensino e aprendizagem.

A escola deve abrir espaço para a contação de histórias, ato, esse, que tem um papel muito importante no processo de aprendizagem escolar, principalmente pelo fato de abranger vários aspectos de formação do sujeito, como: cognitivos, psicológicos, social, entre outros. A prática de contar histórias deve atingir todos os sentidos por completo, tocando a alma, o coração e engrandecendo a leitura de mundo na vida de cada um.

Podemos observar que essa atividade, nos últimos tempos, vem sendo mais freqüente, nas escolas. Alguns professores desenvolvem projetos de incentivo à leitura e usam a contação de histórias, como forma de atrair as crianças e adolescentes, despertando neles o gosto pela leitura. Outros, mesmo não desenvolvendo nenhum projeto, levam contadores de histórias, de projetos extra-escola para que seus alunos tenham oportunidade de ter contato com vários textos literários, com vistas ao fortalecimento do processo de formação de leitor.

Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer (MIGUEZ, 2000, p. 28).

Por isso, é muito importante que a escola desenvolva este tipo de atividade como forma de incentivo à leitura, pois, muitas vezes, na correria do dia a dia, os pais, infelizmente, não têm tempo de exercer essa prática em casa, deixando de lado uma forma de fazer com que as crianças desenvolvam o hábito de ler, e uma cumplicidade maior entre o contador e o ouvinte, que facilita todo processo de aprendizagem.

O ato de contar e ouvir histórias nos leva a um mundo diferente do que, normalmente, estamos habituados no nosso dia a dia, pois nos leva a lugares de fantasias, com muitos personagens, mas que, ao mesmo tempo, têm muito a ver com nossa realidade, sendo bem presentes em nossas vidas.

Quando estamos contando uma narrativa para uma criança, e ela se identifica com a história, consegue imaginar a semelhança com fatos do seu cotidiano.

De acordo com Abramovich (2004, p. 143)

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo potencial crítico. A partir daí, ela pode pensar, duvidar e perguntar, questionar. Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião[...].

Por essa afirmação, acima, podemos perceber o quanto a história é importante para que a criança cresça com o seu senso questionador aguçado, tornando-se uma pessoa que sai do senso comum e começa a usar seu senso crítico. Assim, não aceita tudo que lhe é imposto pela sociedade, sendo capaz de apresentar o seu ponto de vista sobre as situações do seu cotidiano.

Em seu livro *Contar Histórias: uma arte sem idade*, Coelho (1986, p. 11) nos afirma que:

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidade, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos.

As histórias aproximam o contador e o ouvinte, surgindo uma cumplicidade para que viajem juntos em meio às narrativas, imaginando como seriam o lugar e os personagens.

Contar histórias é “construir imagens na cabeça do ouvinte”, e isso é muito verdadeiro, pois quando o contador consegue fazer com que o ouvinte construa imagens sobre a narrativa ouvida é porque ele está, realmente, envolvido com a história, e começa a soltar seu imaginário, ativando seu senso crítico.

De acordo com Pires (2011, p. 34), citando Oliveira (2009):

O mais importante ao contar a história é o envolvimento da criança. Quando ela se identifica com alguma parte da narrativa, deve ser dado espaço a ela para falar de suas experiências relacionadas à história. Portanto, acredita-se que os recursos sugeridos farão com que os alunos participem mais e com prazer desta atividade, aproximando-os da literatura. Sempre que possível é importante que o professor relacione a história com diversos assuntos, propiciando, além do desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo, situações que favoreçam o letramento.

Assim considerando, no Capítulo III, serão apresentadas e analisadas algumas concepções de participantes do Projeto de Extensão Grupo Abracadabra: contadores de histórias do CUA/UFMT sobre o desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, a partir do ato de contar histórias.

3- O Desenvolvimento da Linguagem, da Leitura e do Letramento – concepções de contadores de histórias

3.1 Grupo Abracadabra: Contadores de Histórias – 25 anos de incentivo à leitura e ao letramento pela extensão

O Grupo Abracadabra: contadores de histórias é um projeto de extensão realizado pelo Curso de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), Câmpus Universitário do Araguaia (CUA), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Esse projeto foi idealizado e criado em 1994, pela professora Sônia Maria da Silva Rezende (*in memoriam*), e teve vários colaboradores durante todo esse período. Neste ano de 2019, o Grupo Abracadabra: contadores de histórias completará 25 anos de existência, contando e encantando muitas pessoas. Atualmente, o Grupo está sob a coordenação da Professora Maria Claudino da Silva e da Professora Anna Maria Penalva Mancini, ambas docentes do Curso de Letras.

Segundo Silva (2017) o projeto foi criado, orientado por alguns importantes objetivos, citados a seguir:

estabelecer uma política de leitura da Literatura Infantil e Juvenil; - repensar práticas de leituras difundidas nas escolas da região; - discutir e sugerir vivências de leitura infantil e juvenil; - incentivar e formar o hábito de ler em crianças, jovens e adultos; - difundir a função lúdico-cognitiva da leitura; - explorar a função social da leitura, buscando o adentramento crítico no texto; - dar conhecimento do livro infantil e juvenil ao maior número de possível de estudantes e professores.

O grupo é formado por professores de escolas públicas e particulares da região, que lecionam, tanto na Educação Infantil, como no Ensino Fundamental e Médio, por alunos da rede pública e particular de ensino e por acadêmicos dos Cursos de Letras, Geografia, Direito, entre outros, tanto da UFMT, quanto de faculdades particulares da região. Os encontros do projeto são realizados, semanalmente, às sextas-feiras, no período matutino das 07h30min às 9h30min, na sala 216, na UFMT, em Barra do Garças- MT e, nas terças-feiras, no período vespertino, das 15h30min às 17h30min, na APAE em Aragarças- GO.

O Abracadabra sempre é convidado para realizar sessões de contar histórias, em cidades vizinhas, como: Torixoréu-MT, General Carneiro-MT, Araguaiana-MT, Bom Jardim-GO, entre outras.

Nos encontros semanais, são estudadas teorias, relativas à contação de histórias, à Linguagem, Leitura, Letramento, formação docente etc., e são preparadas as histórias que serão contadas nas escolas, creches, e em outros eventos. Cada contador de histórias escolhe uma história, conforme a faixa etária das crianças que irão contemplar, que, na maioria das vezes, é bem diversificada. O grupo busca sempre tomar cuidado para que todo o público seja contemplado e possa se interessar pelas histórias contadas, deixando a sua imaginação fluir.

Os contadores se doam completamente, usam a criatividade, para chamar a atenção do público, e conseguem, fazendo com que todos possam viajar sem sair do lugar, usando a imaginação, e se deixando serem levados pela magia e encantamento da narrativa.

Claudino da Silva (2007, p. 30-36) afirma que:

O trabalho de contação de histórias, realizado pelo Grupo Abracadabra tem um objetivo muito claro e bem definido, entre tantos outros: contribuir, por meio da contação de histórias, com a formação e o enriquecimento do hábito de ler. Porém realizando isso pela arte, pelo lúdico, pela liberdade, pelo prazer. Entretanto, não de forma ingênua, mas buscando a formação do sujeito/leitor produtor de sentido, a partir da subjetividade de cada um. Um leitor que entenda a sua posição no/do mundo. Um leitor consciente do lugar que ocupa no universo, consciente do mundo e da vida.

O Projeto de Extensão Grupo Abracadabra: contadores de histórias desenvolve um trabalho muito importante e que tem rendido muitos frutos. É um trabalho a longo prazo, mas

que vem garantindo excelentes resultados, já temos vários leitores que foram despertados por meio desse projeto e, não é à toa, que neste ano completa 25 anos de existência, sempre caminhando com muita persistência.

Muitas pessoas entraram para o grupo sem gostar de ler, pelo simples fato de o projeto oferecer uma carga horária grande, que poderia lhes render uma boa pontuação em processos de atribuição de aulas/salas, como professores (as), e acabaram se apaixonando pelo projeto. Por meio das narrativas, a maioria dos participantes se torna, também, leitores mais assíduos.

Como a maioria dos participantes do projeto são professores da Educação Básica, esses profissionais acabam levando muito do aprendizado adquirido por meio da contação de histórias, para aplicar em sala de aula com seus alunos, o que tem feito muita diferença no processo ensino e aprendizagem.

Posso afirmar, como produtora desta pesquisa, que sou um exemplo de como o Grupo Abracadabra: contadores de histórias contribui para a formação do sujeito-leitor: sempre gostei da área de Ciências Exatas e nunca havia imaginado que, um dia, pudesse ser uma leitora assídua, que ama ler. A leitura, atualmente, faz parte da minha vida, e tem me ajudado muito a melhorar alguns quadros depressivos, pelos quais eu passo, às vezes. Isso graças ao projeto Grupo Abracadabra, que usa o lúdico para envolver o seu público, tornando a leitura prazerosa, formando e enriquecendo nosso hábito de ler.

Por meio das narrativas podemos aprender a usar a imaginação, desenvolver a curiosidade, criatividade, oralidade e começamos a nos tornar pessoas questionadoras, não aceitando tudo que nos é imposto pela sociedade.

O objetivo principal dos idealizadores deste projeto de extensão sempre foi incentivar o gosto pela leitura, visando à formação do leitor, o que tem se alcançado, mesmo que a longo prazo. Pelo fato de já estar em seu vigésimo quinto ano consecutivo de existência, já há inúmeros dados e estudos que comprovam isso, inclusive com outros trabalhos realizados por outros acadêmicos de Letras e de Pós-Graduação, em nível de Especialização, como os que se seguem, abaixo:

- **2016** - Joselene Ribeiro Pereira - **Histórias de Vida e de Leituras de Contadores de Histórias: a constituição de sujeitos leitores e as contribuições do Grupo Abracadabra: contadores de histórias** - Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Linguagens e Ensino: Língua e Literatura – Letras/ICHS/CUA/UFMT; - **2015** - Marinez do Nascimento Gamarra - **O Significado da Contação de Histórias para alguns sujeitos do Grupo Abracadabra: contadores de histórias - Projeto de Extensão do CUA-UFMT** – Curso de

Letras/ICHS/CUA/UFMT;- **2014** - Orsulina Pereira Terto Rege - **Grupo Abracadabra: contadores de histórias - o incentivo à leitura por meio da contação de histórias com o uso de alguns Gêneros Literários Infanto-Juvenis** - Letras/ICHS/CUA/UFMT; - **2013** - Flávia Cristina Vicente de Souza Abadia - **A Formação do Leitor por meio da Contação de Histórias: o incentivo à leitura realizada pelo Grupo Abracadabra: contadores de histórias** - Letras/ICHS/CUA/UFMT; - **2013** - Joselene Ribeiro Pereira - **Abracadabra: histórias de vida e leitura de contadores de histórias** - Letras/ICHS/CUA/UFMT;

3.2 A Pesquisa: o delineamento e a realização do estudo

3.2.1 O Planejamento da Pesquisa

A escolha do tema surgiu, logo após ter entrado para o Projeto de Extensão do CUA/UFMT, Grupo Abracadabra: contadores de Histórias, como participante. Fiquei muito entusiasmada, quando comecei a participar do grupo e, principalmente, quando fui convidada para ser bolsista do projeto, o que me possibilitou compreender, um pouco mais profundamente, toda a dinâmica do trabalho de incentivo ao desenvolvimento da Linguagem, da Leitura e do Letramento, desenvolvido nessa atividade extensionista. A partir daí, comecei a interagir mais com o projeto, e com isso surgiram alguns questionamentos, como por exemplo: quais alguns dos benefícios e contribuições desse grupo para a melhor construção do sujeito leitor. Queria entender como a contação de histórias poderia contribuir para a formação do sujeito letrado. Por meio das histórias, pude perceber a importância da leitura, eu que nunca havia me interessado tanto pela leitura, comecei a ver essa possibilidade com outros olhos.

As histórias contadas de forma lúdica contribuem para que as crianças despertem a sua imaginação, viajem sem sair do lugar, conheçam lugares, culturas, valores e várias outras coisas. Tudo isso colabora para que a criança tenha um melhor desenvolvimento em seu processo de aprendizagem.

Assim compreendendo, foi pensada a orientação metodológica para a realização do estudo, conforme veremos, a seguir.

Como objetivo geral da pesquisa, buscou-se investigar concepções de Professores participantes do Projeto de Extensão do CUA/UFMT, Grupo Abracadabra: contadores de histórias, a respeito do desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, por meio da contação de histórias.

A questão de pesquisa que orientou o estudo foi: Quais são algumas concepções de Professores participantes do Projeto de Extensão do CUA/UFMT, Grupo Abracadabra: contadores de histórias, a respeito do desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, a partir da contação de histórias?

A partir da definição do Objetivo Geral do estudo, foram elaborados os seguintes Objetivos Específicos:

a) Compreender a fundamentação teórica, presente na BNCC (2017), no que se refere à área da Linguagem, mais especificamente, a área de Língua Portuguesa, suas competências e o eixo da Leitura; b) A partir de alguns autores, como Magda Soares (2017), assimilar concepções de Linguagem, Leitura e Letramento; c) Apresentar e analisar concepções de Professores participantes do Projeto de Extensão do CUA/UFMT, Grupo Abracadabra: contadores de histórias, a respeito do desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, a partir da contação de histórias, na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Os autores norteadores para o balizamento teórico deste estudo foram, principalmente: Freire (2011), Soares (2017), Mellon (2006), Kleiman (2015), Martins (1994) e Coelho (1986)

Considerando os estudos propostos por Apolinário (2006, p. 70), a metodologia desta pesquisa foi configurada, observando-se as seguintes dimensões: a) **quanto à finalidade**, a pesquisa foi básica, já que o estudo objetiva o avanço do conhecimento na área da leitura, letramento e contação de histórias; b) **quanto ao tipo/profundidade**, trata-se de um estudo descritivo, pois visa, apenas, descrever a realidade, sem nela interferir; c) **quanto à estratégia: origem dos dados**, tratou-se de uma pesquisa documental, utilizando dados provenientes de fontes documentais; d) **quanto à natureza**, trata-se de uma pesquisa qualitativa.

Sobre a coleta de dados, além das fontes bibliográficas que balizaram o estudo, foram utilizadas as concepções de Professores contadores de histórias, a respeito do desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, por meio de um texto escrito.

3.2.2 O Desenvolvimento da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com 45 participantes do projeto de extensão, do Curso de Letras do ICHS/CUA/UFMT, Grupo Abracadabra: contadores de histórias, no mês de novembro de 2018. A idade dos colaboradores da pesquisa varia entre 18 e 65 anos, sendo 42

do sexo feminino e 03 do sexo masculino. O tempo de serviço desses profissionais (os que atuam na Educação Básica) está entre 06 e 25 anos.

Quanto à formação acadêmica dos colaboradores deste estudo, apresenta-se o quadro abaixo:

Formação Acadêmica	Quantidade	Observação
Administração de Empresas	01	01 colaborador cursou Administração de Empresas e cursa Letras
Direito	03	
Geografia (cursando)	01	01 colaborador cursou Letras e cursa Geografia
Letras	08	
Letras (cursando)	06	01 colaborador cursou Direito e cursa Letras
Pedagogia	26	
Pedagogia (cursando)	01	
Serviço Social	02	
		01 colaborador cursou Direito, Letras e Geografia

Quadro 01 – Formação Acadêmica

Quanto à atuação profissional, os colaboradores são apresentados, a seguir:

Atuação Profissional	Quantidade
Advogado	01
Estudante	06
Professor (a) da Educação Básica	30
Servidor da Educação Básica	07
Servidor Público do Judiciário	01

Quadro 02 – Atuação Profissional

3.3 Percepções de Contadores de Histórias sobre Leitura/Letramento: algumas reflexões

Neste ponto do estudo, é importante lembrarmos algumas concepções adotadas, nesta investigação, já citadas, anteriormente, e que são orientadoras das nossas próximas reflexões. Vejamos algumas, abaixo:

CONCEPÇÃO 01: A BNCC (2017, p. 69), afirma:

O Eixo da Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais e relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais

conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades.

CONCEPÇÃO 02 : É necessário observar a importância das competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, propostas pela BNCC (2017, p. 85), mais especificamente, a competência de número 09, que afirma:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como forma de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

CONCEPÇÃO 03 : Magda Soares (2017, p.72) assevera:

Aqueles que priorizam, no fenômeno letramento, a sua dimensão social, argumentam que ele não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

É importante observar, na fala de Magda Soares a expressão “prática social”, tão presente, também, em falas de outros autores. No contexto deste estudo, essa expressão é compreendida conforme o pensamento de Souza, Torres e Lucas (2011, p. 213): “As práticas sociais são vistas como construções dos atores sociais em seus contextos de interação, podendo esse contexto ser ou não uma organização”.

Vale lembrar, também, que as concepções apresentadas, acima, não se excluem, mas, na verdade, se entrelaçam em muito pontos.

Essas concepções irão orientar a apresentação e análise das respostas dos sujeitos colaboradores da pesquisa.⁴

A questão proposta para os contadores de histórias, participantes do projeto de extensão Grupo Abracadabra: contadores de histórias, foi a seguinte:

“Leia os textos abaixo e faça o que se pede:

De acordo com Magda Soares (2004), citada por Moreira e Rocha (2013),

⁴ É importante ressaltar que as respostas apresentadas pelos Contadores de Histórias podem, às vezes, se encaixar em mais de uma das Concepções apresentadas, acima. Porém, optamos por colocá-las naquela concepção que mais se aproxima do pensamento exposto pelos colaboradores da pesquisa.

[...] letramento diz respeito à imersão do indivíduo na cultura escrita, à sua participação em eventos diversos que envolvem a leitura e a escrita, bem como ao contato e à interação com diferentes tipos e gêneros textuais. Já a alfabetização envolve o processo da consciência fonológica e fonêmica, a construção das relações som e letra e o aprender a ler e a escrever alfabeticamente. Nesse sentido, um dos grandes desafios do educador é trabalhar concomitantemente essas duas dimensões no fazer pedagógico, de forma a contemplar uma proposta de alfabetizar letrando, uma prática em que o ensino e a aprendizagem tem sentido e significado para o aprendiz, levando-o à apropriação do código escrito e à sua utilização nos diversos ambientes sociais em que se fizerem necessários.

Pergunta:

Como Contador de Histórias, você acha que a atividade de contação de histórias favorece o desenvolvimento da alfabetização e letramento na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental? Sim? Não? Por quê? Elabore a sua resposta em, no máximo, dois parágrafos.

3.3.1 Em Relação à Concepção 01

Apresentamos, a seguir, algumas respostas dos contadores de histórias:

[...] E é nesse contexto amplo que a criança e ou aprendiz constitui sua identidade e caráter. (CH03)⁵

[...] Através das histórias, elas conseguem compreender e decifrar muitos enigmas do mundo real ao relacionarem a fantasia com a realidade. (CH02)

Sim, porque ao exercer a contação de histórias para o público infantil, é despertado no ouvinte um entusiasmo pela leitura, a curiosidade de saber mais e mais sobre o mundo de possibilidades. A imaginação e a curiosidade também são despertadas, resultando o aumento do vocabulário do aprendiz e a facilidade na hora de desenvolver novas tarefas, como escrever, falar, contar, interagir, etc. (CH06)

[...] A leitura é uma das formas que dispomos para interação com o ambiente em que estamos inseridos e para nossa compreensão com o mundo.

A atividade de contação de história desperta na criança o interesse em ler, e querer buscar cada vez mais a vontade de adquirir conhecimentos que somam para sua vida e seu crescimento. (CH09)

[...] Há várias maneiras de ver e enxergar o mundo, e a contação de histórias imprime na Educação Infantil e nos Anos Iniciais uma marca, que as crianças levam para vida inteira. (CH11)

A contação de história é um instrumento muito importante no estímulo e criatividade, pois desenvolve a linguagem seja qual for é um passaporte para despertar o senso crítico e principalmente fazer sonhar, aquelas crianças, que espera uma história com bastante criatividade. (CH15)(sic)

Contar histórias para crianças ajuda a estimular a sua interpretação e criação de outras histórias, novas versões para o que leu. Antes mesmo da criança ser alfabetizada, ela ao ler um livro (somente com desenhos), ela faz uma leitura particular de acordo com a sua forma de ler o mundo, como diz Paulo Freire.

⁵ A sigla CH significa “Contador de Histórias”, seguida da numeração que foi dada pela pesquisadora ao colaborador da pesquisa, considerando a ordem alfabética dos nomes.

A contação de histórias deve sim ser exercitada não só nas séries iniciais, mas ao longo da vida estudantil pois além de ser uma eficiente ferramenta de alfabetização e letramento, auxilia no enriquecimento do vocabulário, no aprimoramento da oralidade e desinibição em público. (CH16) (sic)

A criança ao entrar em contato com contadores de histórias, também entra em contato com livros, letras e números expostos pelos contadores. Esse contador desperta a curiosidade e interesse das crianças pelas histórias e consequentemente pelos livros. O aluno terá mais vontade de aprender as letras, porque agora ele tem o objetivo de saber decifrá-las nos livros de histórias que ele tem contato. (CH18)

Sob a perspectiva de alfabetizar letrando considero a contação de histórias muito importante nesse processo principalmente na educação infantil e anos iniciais, pois, ao ouvir uma história a criança constrói representações mentais em torno do que foi apresentado e a partir do significado representativo que atribuiu aos elementos da história torna-se mais fácil compreender que aqueles elementos podem ser representados de maneira escrita e assim facilita essa apropriação do sistema escrito de maneira significativa e interessante ao aluno.(CH17)

Ao analisar as respostas dos contadores de histórias, sob os parâmetros da Concepção 01 podemos perceber algumas questões, que enumeramos, a seguir:

1. na Concepção 01, apresentada pela BNCC (2017), fica bastante claro que a leitura é uma atividade que fortalece as práticas de Linguagem e, consequentemente, também, as práticas de Letramento; 2- o processo de fortalecimento dessas práticas ocorre por meio da “interação ativa do leitor/ouvinte/ espectador com textos escritos, orais e multissemióticos”, conforme a BNCC (2017); 3- a prática da Contação de Histórias, segundo, falas dos colaboradores deste estudo, favorece a “compreensão e a decifração de muitos enigmas do mundo real”, fortalece a “curiosidade em saber mais sobre o mundo”, chama a atenção para a necessidade de se “adquirir mais conhecimento”, “desperta o senso crítico”, imprime uma importância fundamental à “leitura da vida”, “auxilia no enriquecimento do vocabulário, no aprimoramento da oralidade e desinibição em público”, “facilita a apropriação do sistema escrito de maneira significativa e interessante ao aluno”; 4- dos pensamentos apresentados, aqui, pelos Contadores de Histórias, fica evidente o entrelaçamento das concepções apresentadas por esses colaboradores com o pensamento de Soares (2012), citada por Coelho (2013, p. 02) de que “letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais”.

3.3.2 Em relação à Concepção 02:

A contação de histórias tem como objetivo principal despertar o prazer pela leitura, auxiliando no processo de alfaetar, pois cada palavra falada, cria-se a imagem, na imaginação da criança, desenvolvendo a criatividade, raciocínio lógico e a oralidade. (CH01)

A contação de história contribui para o desenvolvimento da alfabetização e letramento na educação Infantil e letramento por promover o contato com a

escrita e oralidade de forma lúdica e fantástica, levando a criança a viajar por meio da imaginação[...] (CH03)(sic)

[...] o lúdico amplia os saberes de forma gradativa e significativa para a criança.

A literatura infantil é ferramenta indispensável porque desenvolve a criatividade e habilidades motoras de ler e escrever. Mexe com o imaginário da criança fazendo com que ela se interesse pela leitura e socialize melhor com os outros membros da sociedade. (CH05)(sic)

Contando histórias aos nossos alunos levamos eles ao mundo mágico e prazeroso dos sonhos e encantamento, assim estimulando a criança a ser um bom leitor, mesmo que esse início seja a leitura de mundo. A partir desse momento o aluno sendo estimulado, estará sendo aguçado a sua curiosidade e com isso formar um futuro cidadão crítico, porque com a contação de histórias o aluno torna-se um ser pensante, participativo e questionador. (CH08)(sic)

Sim, porque é uma forma de estimular a aprendizagem da criança, pois desenvolve a criatividade, incentiva a leitura de imagem e com o tempo a decodificação de palavras. (CH10)

É impossível que esse interesse seja despertado em criança que nunca receberam estímulos para isso. Pois não conhecem, e por isso não tem interesse. Os estímulos que os contadores de histórias transmitem para as crianças são essenciais tanto para alfabetização e letramento, tanto para a formação de um bom leitor a longo prazo. Pois é nos anos iniciais que se deve aprender lições para uma vida inteira. (CH18)

A contação de história favorece e muito no desenvolvimento da alfabetização e letramento, principalmente na Educação infantil. Por que é nessa etapa do desenvolvimento a criança usa muito o seu imaginário para aprender e internalizar o que lhe está sendo ensinado.

E ao fazer esse uso da contação de história nas series iniciais o professor vai esta inserindo as crianças no mundo da leitura e cultura escrita de forma prazerosa sem contar que vai ser alfabetizada mais rápido e sem anseios e medos e como já disse de forma prazerosa ou seja brincando e usando o seu imaginário. (sic)

As Concepções dos Contadores de Histórias, acima apresentadas, que se orientam pela Competência 09, estabelecida pela BNCC (2017), para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, nos levam a algumas reflexões:

1. o desenvolvimento da Linguagem, da Leitura e do Letramento deve favorecer, também, o desenvolvimento da leitura sensorial e emocional, conforme Martins (2007), pelo fato de que, uma das formas de leitura, ser a leitura que se faz do texto literário; 2- os contadores de histórias, do Projeto de Extensão “Grupo Abracadabra” utilizam os textos literários da Literatura Infantil e Juvenil como instrumento de trabalho, para fortalecer o hábito de ler, a partir da Educação Infantil; 3- assim, fica claro, pela proposição da Concepção 02, que a Linguagem, a Leitura e o Letramento devem privilegiar, também, “o senso estético para fruição”, as “dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento” e o “ potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura; 4- nessa perspectiva, as

Concepções apresentadas pelos Contadores de Histórias reafirmam essas questões, como podemos ver por esses fragmentos de suas respostas: “pois a cada palavra falada, cria-se a imagem, na imaginação da criança, desenvolvendo a criatividade”, “por promover o contato com a escrita e oralidade de forma lúdica e fantástica, levando a criança a viajar por meio da imaginação[...]”, “A literatura infantil é ferramenta indispensável porque desenvolve a criatividade e habilidades motoras de ler e escrever.”, “Mexe com o imaginário da criança fazendo com que ela se interesse pela leitura e socialize melhor com os outros membros da sociedade.”, “levamos eles ao mundo mágico e prazeroso dos sonhos e encantamento, assim estimulando a criança a ser um bom leitor, mesmo que esse início seja a leitura de mundo”, “desenvolve a criatividade, incentiva a leitura de imagem”; 5- nesse contexto, é bem pertinente o pensamento de Carvalho e Pereira (2016, p. 209), quando falam sobre a prática da contação de histórias:

A proposta da prática é tornar a atividade pedagógica da leitura um instrumento de diálogo do professor-contador de histórias com a criança, a fim de despertar a mente para a leitura e incentivá-la a explorar mundos diferentes dos quais ela está habituada, tanto reais, como imaginários. Desse diálogo proposto, a relevância da leitura literária também, consiste em permitir a aproximação da criança com outros contextos, com outras pessoas e idéias, favorecendo um ambiente de possibilidades para ouvintes/leitores, tornando-os exploradores de um universo que envolve a criatividade e a imaginação.

3.3.3 Em relação à Concepção 03:

A contação de histórias possibilita a apreensão de conhecimentos diversos visto que abrange uma série de temas pertinentes à vida e às práticas sociais, históricas e culturais contribuindo consideravelmente na formação integral do sujeito ouvinte-leitor.

A contação de histórias confere vivacidade e dinamismo a dois processos essenciais a vida moderna – a leitura e o letramento – entrelaçando conhecimentos tecnológicos, conhecimento de mundo e as vivências do ser humano, contudo há de se pensar que o alcance da contação de histórias depende da intencionalidade responsiva e motivadora do contador e da receptividade do ouvinte. (CH07) (sic)

As crianças se sentem estimuladas para a alfabetização e para a busca de novas leituras, construindo não só seu repertório de vocabulários, como também diferentes possibilidades de verem o mundo e interagirem com outras pessoas. (CH02)

Sim. Acredito que a contação de histórias favorece o desenvolvimento da alfabetização e letramento na Educação Infantil e Anos Iniciais, pois não basta saber ler e escrever, a leitura e a escrita deve ter sentido e prazer. (CH08)

Entendo que o processo de alfabetização e letramento faz parte da construção intelectual do indivíduo, o contextualizando na sociedade. Dentro dessa perspectiva, a contação de história fomenta o lúdico, a verossimilhança, a possibilidade de um mundo recheado de fantasias e

alegrias, bem como a socialização e a reflexão do mundo no qual está inserido.

[...] Numa escala geral, a contação de histórias precede a alfabetização e o letramento, quando entendemos que a criança no seu processo de cognição precisa de elementos que o ajude a desmitificar o real. (CH11)(sic)

Como contador de história com toda certeza favorece sim e muito, pois a minha vivência como professora de Educação Infantil já há algum tempo demonstra isso com as atividades de contação de histórias, pois a criança constrói a história na cabecinha, imaginando e com o manuseio do livro reafirma as ações dos personagens e não se satisfazendo, busca a imersão no mundo da escrita, fazendo então a viagem tão almejada no mundo leitura e da escrita.

Assim contar histórias dá estímulo ao processo de letramento e alfabetização, sendo algo mágico e de muito prazer, tornando o seu aluno alguém que sabe analisar, ler a situação e concretizar sua interpretação lendo e escrevendo. (CH12)

O letramento nos leva a essa prática social de fazer parte do meio social por meio da leitura e da escrita. O que se pode dizer é que: A história instiga a curiosidade das crianças, mesmo que não saibam ler ou escrever, elas tentam descrever através de relatos orais e desenhos a história que ouviu. (CH13)(sic)

A contação de histórias desenvolve no aluno o interesse pela leitura, ajudando assim, no desenvolvimento da alfabetização e letramento. Com o contato com a leitura haverá uma interação maior com a escrita, podendo assim o aluno desenvolver melhor a sua relação ler e escrever alfabeticamente. O aluno que pratica a leitura e a escrita tem um desempenho maior nos diversos ambientes sociais em que participar. (CH14)

A atividade de contar história é fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Ela contribui com o desenvolvimento integral das crianças, ao mesmo tempo em que leva o entretenimento, desperta a imaginação, criatividade, desperta o gosto e prazer pela leitura e escrita. (CH20)

As Concepções dos Contadores de Histórias, apresentadas, aqui, nesta etapa do estudo, consideram algumas questões:

1- a Conceção orientadora, apresentada por Magda Soares (2017) enfatiza importantes aspectos que entrelaçam o desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento, tais como: o “letramento é uma prática social”, “é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico”, “como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais”; 2- dessa compreensão, os Contadores entendem, por exemplo que: “A contação de histórias possibilita a apreensão de conhecimentos diversos visto que abrange uma série de temas pertinentes à vida e às práticas sociais, históricas e culturais contribuindo consideravelmente na formação integral do sujeito ouvinte-leitor.”, “Entendo que o processo de alfabetização e letramento faz parte da construção intelectual do indivíduo, o contextualizando na sociedade., “entendemos que a criança no seu processo de cognição precisa de elementos que o ajude a desmitificar o real.”, “contar histórias dá estímulo ao processo de letramento e

alfabetização, sendo algo mágico e de muito prazer, tornando o seu aluno alguém que sabe analisar, ler a situação e concretizar sua interpretação lendo e escrevendo.”, “O letramento nos leva a essa prática social de fazer parte do meio social por meio da leitura e da escrita.”, “O aluno que pratica a leitura e a escrita tem um desempenho maior nos diversos ambientes sociais em que participar.”, “A atividade de contar história é fundamental no processo de ensino e aprendizagem”; 3- Soares (2004), citada por Moreira e Rocha (2013), afirma que “letramento diz respeito à imersão do indivíduo na cultura escrita, à sua participação em eventos diversos que envolvem a leitura e a escrita, bem como ao contato e à interação com diferentes tipos e gêneros textuais”; 4- ainda, de acordo com Soares (1998), citadas por Moreira e Rocha (2013). “aprender a ler e a escrever e a fazer uso da leitura e da escrita transforma o indivíduo e o leva a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, lingüístico”.

No desenvolvimento do Projeto de Extensão “Grupo Abracadabra: contadores de histórias”, no ano de 2018, foram desenvolvidas os seguintes cursos: **Curso 01** “A Contação de Histórias: formação do leitor a partir da Educação Infantil” e **Curso 02** “A Leitura e a sua Função Social no Contexto Escolar”. Ambos os Cursos tiveram como eixo epistemológico o desenvolvimento da Linguagem, Leitura e Letramento por meio da Contação de Histórias.

Das concepções sobre o desenvolvimento da Linguagem, da Leitura e do Letramento, apresentadas pelos Contadores de Histórias, do Projeto de Extensão “Grupo Abracadabra, depreende-se que durante a realização teórica e prática do projeto, os participantes compreenderam, de forma significativa, a contação de histórias como formas de:

- prática de Linguagem, de Leitura e de Letramento;
- fruição estética de textos e obras literárias;
- ampliar conhecimentos e de realizar discussões e debates sobre temas sociais;
- poder sustentar reivindicações no contexto de atuação da vida pública;
- desenvolvimento do senso estético;
- valorizar a leitura da literatura e de outras manifestações artísticas e culturais;
- práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em contexto social.

Desenvolver a Linguagem, a Leitura e o Letramento significa entender que os sujeitos precisam se tornar leitores para que possam participar, mais ativamente, de todas as práticas sociais que permeiam as sociedades de cada tempo.

Considerações Finais

Levando em consideração o ser humano como ser social dotado da linguagem, enxergamos na leitura e na contação de histórias uma excelente oportunidade para que sejam despertadas as suas habilidades, potencialidades e autonomia. Por meio das palavras, os

contadores de histórias, de maneira lúdica, comunicam e, também, transmitem conhecimentos.

Essas averiguações comprovam a importância da contação de histórias na vida do sujeito, como contribuição para o desenvolvimento da Linguagem, da Leitura e o Letramento e o quanto isso é importante para o processo de ensino e aprendizagem.

A contação de histórias fortalece aspectos cognitivos, psicológicos, social entre outros. A prática de contar histórias deve atingir todos os sentidos por completo, tocando a alma, o coração e engrandecendo a leitura de mundo na vida de cada indivíduo.

O Grupo Abracadabra: contadores de histórias tem um papel fundamental ao disseminar possibilidades de desenvolvimento da Linguagem, da Leitura e do Letramento, por meios das narrativas, trabalhando para que crianças, adolescentes e adultos desenvolvam e fortaleçam o hábito de ler, como uma necessidade da sociedade contemporânea.

A pesquisa aponta que, das concepções sobre o desenvolvimento da Linguagem, da Leitura e do Letramento, apresentadas pelos sujeitos colaboradores da investigação, Contadores de Histórias, depreende-se que, durante a realização teórica e prática do projeto, os participantes compreenderam, de forma significativa, a contação de histórias como formas de prática de Linguagem, de Leitura e de Letramento e como possibilidade de fruição estética de textos e obras literárias.

Também afirmaram que a contação de histórias pode ampliar conhecimentos e a realização de discussões e debates sobre temas sociais, pode favorecer a sustentação de reivindicações no contexto de atuação da vida pública, o desenvolvimento do senso estético, a valorização da leitura da literatura e de outras manifestações artísticas e culturais e pode se efetivar como prática social ligada à leitura e à escrita em contexto social.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC. Brasília, 2017.

CARVALHO, Markley Florentino e PEREIRA, Viviane Maraques. Saberes e Práticas do Professor – Contador de Histórias: vivências de Letramento na Pré-Escola. **Horizontes - Revista de Educação**. Dourados, 2016.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

COELHO, Lenir de Jesus Barcelos Coelho. A Leitura e a Escrita no Hipertexto digital como Práticas Sociais: reflexões a partir da perspectiva do Letramento. **Revista Ícone**. UEG. Goiânia, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler : em três artigos que se completam** / Paulo freire. – 51. Ed. – São Paulo : Cortez, 2011.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos ; 74)

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca. Et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Revista Pedagógica em Ação**, v.s, N.1 (2013). Belo Horizonte.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias/** Nancy Mellon; tradução de Amanda Orlando e Aulyde Soares Rodrigues. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**. 14 ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

MINIDICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora DCL, 2010.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues e ROCHA, Elaine Andreia Gonçalves Moreira da. **Alfabetizar Letrando: novos desafios no ensino da língua escrita**. UFMG. Belo Horizonte, 2013.

PIRES, Oliveira da Silva. **Contribuições do ato de contar histórias na educação infantil para a formação do futuro leitor**. 2011. Artigo (trabalho de conclusão de curso), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

PIRES, Olívia da Silva. **Contribuições do Ato de Contar Histórias na Educação Infantil para a Formação do Futuro Leitor**. UEM. Maringá, 2011.

SILVA, Jaqueline Souza dos Santos. Rosângela Neres Araújo da Silva. Prática de letramento em sala de aula contação de histórias: contos, encantos e encontros. **Enlije**, v.1, anais V, editora realize, 2014.

CLAUDINO DA SILVA, Maria. Grupo Abracadabra: contadores de histórias – a extensão no ICLMA fazendo histórias e leituras. **Revista Viva**. UFMT: EdUFMT, 2007

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento / Magda Soares**. – 7.ed.;1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2017.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros/ Magda Soares**. – 3.ed.;4. Reimp. – Belo Horizonte : autêntica Editora, 2017.

SOUZA, Eda Castro Lucas de.; TORRES, Cláudio Vaz.; LUCAS, Cristina Castro. **Práticas Sociais, Cultura e Inovação: três conceitos associados**. Programa de Pós-graduação em Administração. UnB, 2011.